

**...E O
VENTO
LEVOU**

**MARGARET
MITCHELL**

**...E O
VENTO
LEVOU**

**Tradução e adaptação
Amanda Moura**



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido e adaptado do original em inglês Produção editorial e projeto gráfico
Gone with the wind Ciranda Cultural

Texto Diagramação
Margaret Mitchell Fernando Laino Editora

Tradução e adaptação Imagens
Amanda Moura ole_art/Shutterstock.com;
 melazerg/Shutterstock.com;
Preparação Paul Lesser/Shutterstock.com;
Karin Gutz Szasz-Fabian Jozsef/Shutterstock.com;
Revisão Black Creator 24/Shutterstock.com;
Adriane Gozzo bojpv/Shutterstock.com;
 kstudija/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M681e Mitchell, Margareth

... E o vento levou / Margareth Mitchell ; adaptado por Amanda Moura. - Jandira, SP : Principis, 2020.
512 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Literatura Clássica Mundial)

Adaptação de: *Gone with the wind*

Inclui índice.

ISBN: 978-65-5552-207-5

1. Literatura americana. 2. Romance. I. Moura, Amanda. II. Título.
III. Série.

2020-2640

CDD 813.5

CDU 821.111(73)-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura americana : Romance 813.5
2. Literatura americana : Romance 821.111(73)-31

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

| | |
|--------------------------------|-----|
| Nota da tradutora | 7 |
| Primeira Parte | 11 |
| Segunda Parte | 77 |
| Terceira Parte | 149 |
| Quarta Parte | 261 |
| Quinta Parte | 417 |

Nota da tradutora

A literatura é um retrato ou uma fuga da realidade? Essa é uma pergunta que tenho me feito há alguns anos e que faço a colegas de trabalho e estudiosos da área sempre que tenho a oportunidade, sem nunca chegarmos a uma resposta definitiva. Entrego essa adaptação/tradução à editora em junho de 2020, momento em que protestos se espalham pelo mundo após a morte de George Floyd, negro que chegou morto ao hospital depois que um policial branco, após o ter imobilizado, ajoelhou-se sobre seu pescoço e o pressionou contra o chão, mesmo depois de Floyd ter repetido várias vezes: “I can’t breathe” [“Não consigo respirar”]. A frase repetida por Floyd no momento da abordagem policial foi registrada em vídeo, postada nas redes sociais e compartilhada pelo mundo todo. Will Smith, ator negro e estadunidense, manifestou-se em relação ao ocorrido: “O racismo não está piorando, só está sendo gravado agora”¹.

Mas não é necessário surgir uma notícia na mídia sobre o racismo ou uma fala de alguém famoso para trazer o assunto à tona. O racismo está em nosso dia a dia, basta pensar em inúmeras situações em que você, independentemente de sua raça, já o vivenciou ou testemunhou. Eu me lembro de uma professora negra que tive no Ensino Médio que um dia interrompeu uma conversa com um grupo de alunos para pedir: “Por favor, parem de me chamar de *moreninha*, *escurinha*. Eu sou *negra*”.

Gone with the wind [... *E o vento levou*], de Margaret Mitchell, originalmente publicado em 1936, se passa nos Estados Unidos, período da guerra civil americana; portanto, no cenário de uma sociedade escravocrata. Àquela época, década de 1860, ainda distante dos computadores,

¹ *Folha de S. Paulo*, 29 maio 2020, Mundo. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/05/caso-george-floyd-quem-era-o-americano-negro-morto-sob-custodia-e-o-que-se-sabe-sobre-o-policial-branco-que-o-matou.shtml?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996. Acesso em 5 out. 2020. (N.T.)

da internet e dos *smartphones*, os meios e os recursos de registros eram outros, sendo a escrita, e particularmente a literatura, a meu ver, um dos mais emblemáticos entre eles. Se traçarmos um paralelo entre a narrativa de Mitchell e o momento atual, teremos resposta clara à pergunta que fiz no primeiro parágrafo. Dois mil e vinte, mais de um século após o tempo dessa narrativa e da abolição da escravidão, o racismo continua presente e arraigado na sociedade mundo afora. Nas ruas, nos estádios, nas escolas, nas empresas, os negros continuam sofrendo preconceito, e a desigualdade continua a bater à porta. Não é só nos Estados Unidos. É no mundo. E no Brasil.

Dito isso, quero deixar aqui algumas palavras para você, leitor.

Lembrando que a história deste livro se passa em um cenário escravocrata, e que a mim, tradutora, cabe a responsabilidade de servir à autora, durante a tradução e adaptação desta obra, você verá termos como “negrinho”, “escurinho” e “macaco”. Essas palavras foram escolhidas sempre que no original havia termos ofensivos em inglês, como *darkie*, *nigger*, entre outros. Levando em conta que aqui lidamos com o registro escrito da língua, e compreendendo o contexto cultural como fator decisivo para a escolha de uma palavra ou outra, contexto esse que em *...E o vento levou* é o da escravidão, nesta tradução/adaptação, o sentido da palavra “preto” (português) é sempre ofensivo e pejorativo, e aparecerá, como verá, em situações de violência, opressão e desigualdade (seja na fala, no pensamento, na narração ou na descrição feita por personagens).

Por que publicar uma adaptação como essa é importante? Porque a literatura (também) é espaço de registro histórico e, nesse sentido, não se pode apagar a história, ainda que esteja imersa em injustiças e atrocidades cometidas pelo ser humano desde a sua existência. E me refiro não só ao racismo e à escravidão como também a grandes questões da humanidade retratadas nessa narrativa, entre elas os papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade. Deixar de publicar e de **debater** obras como *... E o vento levou* é, de certo modo, apagar a luta dos negros e das mulheres. Se nas décadas recentes as mulheres conquistaram espaços e direitos

... E O VENTO LEVOU

importantes, é porque nunca nos esquecemos de como foi no passado. Se protestos antirracistas se proliferaram pelo mundo hoje, é porque não se pode esquecer as barbaridades cometidas contra os negros pelo mundo ao longo da história e tampouco desqualificar a luta dessa população em busca da equidade.

Fui econômica nas notas de rodapé. E (espero) breve nesta nota. Faço isso porque não subestimo sua capacidade, leitor/a, e porque é um modo de aguçar seu senso crítico e de pesquisa. Como todo livro é sócio-historicamente situado, há muitas outras inferências que você fará sobre os assuntos que tratei aqui e sobre outros mais. Que essa leitura provoque tantas emoções e reflexões quanto provocou em mim.

Saudações editoriais!

Amanda Moura

Primeira Parte





Capítulo 1

Scarlett O'Hara não era de beleza ímpar, mas os homens quase nunca se davam conta disso quando envolvidos por seu charme, caso dos gêmeos Tarleton. O rosto combinava uma mistura entre os traços delicados da mãe, uma aristocrata litorânea de descendência francesa, e os traços mais rudimentares do pai, um irlandês de pele rosada; os olhos eram verde-claros, as sobrancelhas grossas e negras, e a pele de magnólia, tão benquista pelas mulheres sulistas, era cuidadosamente protegida contra o sol quente da Geórgia por chapéus, véus e luvas.

Naquela ensolarada tarde de abril de 1861, na companhia de Stuart e Brent, sentou-se à sombra fresca da varanda de Tara, na fazenda do pai. Com um vestido exuberante e a sapatilha verde de pelica que o pai trouxera de Atlanta, exibia a cintura de quarenta e três centímetros, a mais esbelta de três condados, e os seios maduros para uma jovem de 16 anos igual a ela. O olhar esverdeado daquele rosto meigo era turbulento, obstinado, vívido, dissonante de seu comportamento decoroso. Os bons modos lhe foram impostos pelas gentis reprimendas da mãe e pela rigidez de sua mammy².

² Termo comum no século XIX no Sul dos Estados Unidos para se referir à mulher negra que recebia a responsabilidade de cuidar de uma criança branca. (N.T.)

Stuart e Brent, irmãos gêmeos de 19 anos, um metro e oitenta e cinco de altura, braços grandes e musculosos, rosto bronzeado e cabelo castanho-avermelhado, olhar galante e igualmente arrogante, ambos vestidos com idênticos casaco azul e culote mostarda, pareciam dois caroços de algodão. Amarrados na entrada da fazenda, estavam os cavalos dos gêmeos, tão castanho-avermelhados quanto os donos, e, junto deles, os cães de caça que acompanham os irmãos por todo o canto. Um pouco mais distante, como é de esperar de um aristocrata, aguardava pacientemente um dálmata. Os gêmeos tinham o vigor e a prontidão de quem vive no campo e passa a vida inteira ao ar livre, sem se preocupar muito com as chatices dos livros.

A vida em Clayton, na Geórgia, era muito rudimentar se comparada a Augusta, Savannah e Charleston. As regiões mais pacatas e antigas do Sul torciam o nariz para os georgianos do interior, porém, no norte da Geórgia, a falta de educação clássica não era motivo de vergonha, mas, sim, a falta de esperteza de um homem para o que realmente importava: bom cultivo do algodão, domínio de equitação, boa pontaria na caça, habilidade na dança, elegância ao conduzir as damas e discernimento para beber como um cavalheiro.

Incapazes de absorver o que houvesse entre as capas de um livro, no período de dois anos os gêmeos foram expulsos quatro vezes da universidade, sendo a última delas a Universidade da Geórgia, por isso passavam aquela tarde na varanda de Tara. Tom e Boyd, irmãos de Stuart e Brent, diziam se compadecer e decidiram sair da universidade com eles, alegando não poderem permanecer em uma instituição onde os irmãos não eram bem-vindos. Tom e Boyd, tendo achado muita graça da última expulsão, divertiam-se com a situação, tal como Scarlett, que, por vontade própria, não abria um livro desde quando saíra da Fayetteville Female Academy³, um ano antes.

– Sei que vocês dois não estão preocupados com a expulsão, nem o Tom – comentou ela. – Mas e o Boyd? Parece decidido a terminar os estudos e

³ Academia Feminina de Fayetteville. (N.T.)

vocês o arrancaram da Universidade da Virgínia, do Alabama, da Carolina do Sul e agora da Geórgia. Desse jeito, ele não vai concluir nunca.

Brent desdenhou, dizendo que o irmão poderia ler sobre Direito no escritório do juiz em Fayetteville e que, de todo modo, eles teriam de voltar para casa antes do final do semestre por causa da guerra. Ante à menção da palavra “guerra”, Scarlett ficou aborrecida e contou que Ashley Wilkes e o pai haviam dito ao pai dela que comissários enviados a Washington chegariam a um... um... acordo amigável entre o senhor Lincoln e a Confederação, e acrescentou:

– E, além do mais, os ianques morrem de medo da gente. Não haverá guerra nenhuma e não suporto mais falar sobre isso.

– Não haverá guerra nenhuma! – desdenharam os gêmeos indignados, como se tivessem sido trapaceados por alguém por meio da notícia.

– Ora, querida, é claro que haverá guerra – insistiu Stuart. – Os ianques até podem morrer de medo da gente, mas, depois do modo como o general Beauregard os expulsou do forte Sumter anteontem, terão de reagir ou vão ficar com a fama de covardes perante o mundo inteiro. Pois veja, a Confederação...

Aborrecida mais uma vez, Scarlett ameaçou se retirar dizendo nunca antes na vida ter ouvido tanto “guerra” e “secessão”, e que o pai e todos os homens que o visitavam não falavam de outra coisa a não ser o forte Sumter, os direitos, o Estado e Abe Lincoln. A moça era muito convicta do que dizia, pois nunca conseguia suportar qualquer outra conversa na qual não fosse ela própria o centro do assunto. Os cílios escuros, que resvalam entre si a cada piscar de olhos, feito as asas de uma borboleta, como fora a intenção da própria Scarlett, fascinavam os gêmeos, que se apressaram em pedir desculpas por aborrecê-la com aquele papo; afinal, a guerra era assunto de homens, e a atitude de Scarlett era a prova clara da feminilidade.

Deixado de lado o assunto enfastiante, ela perguntou aos gêmeos a reação da mãe deles ao saber da expulsão, e os dois contaram que ainda não haviam conversado com ela, pois eles e Tom haviam saído de manhã cedo, antes de ela se levantar, e Tom passara a noite na casa dos Fontaine,